

APOIO: CAPES/PRODOC

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Editoração Eletrônica
César Agenor Fernandes da Silva

Editoração de Texto
Jandyra Lobo
Sérgio Drummond M. Carvalho

Capa
Alexandria
Historic Cities Research Project
Jewish National and University Library, Jerusalem.

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da FHDSS

As Cidades no tempo / Margarida Maria de Carvalho, Maria Aparecida de S. Lopes e Susani Silveira Lemos França (orgs.). – Franca: UNESP, São Paulo: Olho d'Água, 2005, 323p.

1. Cidades – História antiga. 2. Cidades – História medieval. 3. Cidades – História moderna. 4. Cidades – História contemporânea. 5. História urbana.

CDD – 901.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Cidades – História antiga.....	930
2. Cidades – História contemporânea.....	909.82
3. Cidades – História medieval.....	940.1
4. Cidades – História moderna.....	940.2
5. História urbana.....	901.9

Copyright© Programa de Pós-Graduação em História

Editora Olho d'Água
Rua Dr. Homem de Melo, 1036
05007-002 - São Paulo-SP
(11) 3673-9633 / 3673-1287
www.olhodagua.com.br

EDIFÍCIOS E POLÍTICA NA ROMA TETRÁRQUICA (285-303 d.C.)

Carlos MACHADO¹

Os relatos tradicionais da história da cidade de Roma têm uma grande dificuldade em lidar com o período tetrárquico. Para um historiador interessado na cidade desde a sua fundação, este é um período que só faz sentido como conclusão de uma evolução em longuíssima duração. Historiadores interessados na história medieval ou tardo-antiga de Roma, por sua vez, tomam a época de Diocleciano e Maximiano como ponto de partida para seus estudos, geralmente incorporando-a a uma mais abrangente "era constantiniana".² Essa não deixa de ser uma estratégia tentadora, uma vez que a maneira mais fácil de se "livrar" de um período histórico problemático é chamá-lo de "transição" e deixá-lo para outros.

Isso é ainda mais compreensível por se tratar de um período tradicionalmente considerado como o final do mundo antigo, e é sabido que tradições não são facilmente abandonadas, especialmente por historiadores. A cidade de Roma no final do século III vivia uma situação ambígua: apesar de não ser mais a residência imperial, ainda era, ao menos nominalmente, a capital do Império. As reviravoltas políticas do período anterior implicaram o distanciamento entre a corte imperial e a cidade, especialmente a sua elite. Estas mudanças são vistas claramente por arqueólogos: a

¹ Doutorado em História Antiga na Universidade de Oxford. Apoio: CNPq. Este trabalho é baseado em seminários apresentados na British School at Rome e no departamento de História Antiga, Oxford. Agradeço a Robert Coates-Stephens, Bryan Ward-Perkins e Sonia Rebel pelos comentários e sugestões. Agradeço ainda a Margarida Maria de Carvalho, pelo convite para participar do evento que deu origem a esta publicação.

² A tetrarquia é a última parte do último capítulo do livro de KOLB, F. *Rom: Die Geschichte der Stadt in der Antike*. Munique: Verlag C.H.Beck, 1995, correspondendo a 4 páginas, com o subtítulo: "a renovação da cidade sob Diocleciano" (p.667-70). Apesar de antigo, KRAUTHEIMER, R. *Rome: Profile of a city*, Princeton: Princeton University Press, 1980, ainda é a obra fundamental para a "era constantiniana".

produção de tijolos foi desarticulada, e a atividade edilícia reduziu-se ao mínimo necessário.³

Isso não significa que imperadores não estivessem mais preocupados com sua relação com os habitantes de Roma ou com a representação de seu poder através de monumentos na cidade: as termas construídas pelo imperador Décio em 252 no Aventino e o arco de Gordiano no Esquilino são bons exemplos.⁴ No final do século, Aureliano construiu uma imensa muralha ao redor da cidade, que se ao longo do tempo teve de passar por enormes reconstruções e ampliações, não deixou de ser um marco na topografia e imaginário urbanos. Edifícios como o quartel general da guarda pretoriana foram incorporados a essa obra, outros foram destruídos para dar-lhe espaço, e ainda no final do século IV o material gerado pelas demolições era visível e incômodo.⁵ Também o sistema de distribuição de alimentos em Roma passou por transformações nesse período, especialmente sob o reinado de Aureliano: apesar de as emergências político-militares estarem nas fronteiras e nos acampamentos do exército, a antiga capital do Império não havia sido abandonada.

Entender as relações entre os imperadores da chamada primeira tetrarquia e a cidade de Roma implica, assim, entender a complexa combinação entre continuísmo e inovação, entre medidas originais e políticas conservadoras. Para isto existem três problemas principais que devem ser discutidos. Em um plano mais geral, qual o lugar de Roma na política imperial? Política, no caso, refere-se às estruturas de governo, as instituições, mas também as políticas desenvolvidas e implementadas pela tetrarquia. Em um plano mais concreto, se Roma passou por um período de imensa atividade construtiva durante esse período, como é que essa atividade se insere no quadro mais amplo do Império? Mais importante, como é que estas construções definiram a relação entre imperadores e habitantes da cidade? Por fim, mas talvez mais

³ Os aspectos desta crise são sintetizados por COARELLI, F. *L'edilizia pubblica a Roma in età tetrarchica*. In *The Transformations of 'Urbs Roma' in Late Antiquity*, Portsmouth: JRA Supplementary Series 33, 1999.

⁴ As termas de Décio são conhecidas através de um desenho de Andrea Palladio e de inscrições encontradas na área, além de poucos vestígios materiais. LA FOLLETTE, L. *The Baths of Trajan Decius on the Aventine*. *Rome Papers*, Ann Arbor: JRA Supplementary Series 11, p.6-88, 1994, é a mais importante publicação do edifício. O arco de Galieno é na verdade uma restauração da Porta Esquilina da época de Augusto, ver COARELLI, F. *Roma* (Guide Archeologica Laterza), Bari: Laterza, 2001, p.234.

⁵ Como sugerem inscrições de Honório e Arcádio: CIL VI, 1888-1890.

importante que tudo, como se deu, na prática, a relação entre os romanos e seus imperadores neste período? Como é que os romanos responderam a todas estas transformações? Para questões tão ambiciosas as respostas não podem ser mais do que tentativas e provisórias. No entanto, talvez desta forma seja possível adquirir um melhor entendimento do que era Roma no início do período que atualmente chamamos de Antiguidade Tardia, e como se dava sua relação com um poder imperial cada vez mais distante.

O período relativo ao reinado de Diocleciano é, se comparado com o imediatamente precedente, bem documentado. Uma grande variedade e quantidade de fontes, de papiros a moedas, de inscrições a textos literários, permitem estudar uma grande variedade de temas. Mesmo para o caso da cidade de Roma existe uma boa quantidade de fontes. Um problema de outra ordem é dar sentido a elas. Os historiadores do período não contam com um Amiano Marcelino, muito menos com um Tácito, e relatos como "Sobre a morte dos perseguidores", do cristão Lactâncio, apesar de claramente antipáticos ao regime, tomam-se fundamentais. Ainda assim, é possível hoje ter uma idéia mais nuançada do sentido das transformações ocorridas no período, e do papel reservado para Roma nesse processo.

A idéia de que a chamada "crise do século III" só encontrou seu fim com o reinado de Diocleciano já vem sendo criticada há algumas décadas⁶. A visão tradicionalmente pessimista do século III ainda predomina na historiografia, e o caráter parcial das fontes literárias dificulta a reavaliação deste período pelos estudiosos. Todavia, parece claro que não se deve subestimar a importância da monarquia tetrárquica, no sentido de que aprofundou algumas das características dos reinados que a precederam e inovou apresentando características próprias. Após a morte de Aureliano em 275, a sucessão de imperadores e a nova onda de invasões que ameaçaram as fronteiras do império explicitaram a necessidade de reformas mais aprofundadas. O reinado de Diocleciano pode ser visto, assim, como um período de síntese inovadora, apesar de sua principal inovação, o colégio imperial, mal ter sobrevivido ao fim do reinado de seu criador.

⁶ Uma apresentação deste período pode ser encontrada em SILVESTRINI, M. "Il potere imperiale da Severo Alessandro ad Aureliano". In: *Storia di Roma*, III.1, Torino: Einaudi, 1993, p.155-91. Para uma reavaliação da própria idéia de "crise", ver mais recentemente WATSON, A. *Aurelian and the Third Century*, Londres: Routledge, 1999.

Proclamado Augusto pelas tropas no final de 284, Diocleciano logo nomeou Maximiano primeiro César (em 285) e depois Augusto (em 286). Em 293, Constâncio foi nomeado César no Ocidente e Galério no Oriente⁷. Se por um lado Diocleciano permaneceu sendo o líder do 'colégio imperial', por outro a presença dos imperadores tornou-se mais efetiva. Não apenas fisicamente, mas também administrativamente. Cada imperador escolheu uma cidade para sua residência, e cargos administrativos, militares e políticos foram criados. O crescimento do aparato burocrático foi incrementado pela reorganização do sistema provincial, que levou ao aumento do número de províncias. Segundo a opinião explicitamente negativa do escritor cristão Lactâncio, em seu "*Sobre a morte dos perseguidores*" (7.4):

Para garantir que o terror fosse universal, também as províncias foram cortadas em retalhos; muitos governadores e ainda mais oficiais foram impostos a regiões individuais, praticamente a cada cidade, e a estes foram somados contadores, controladores, e representantes dos governadores. As atividades de todos estes foram raramente civis; eles se envolveram apenas em repetidas condenações e confiscos, e na extração infinita de recursos – e as exações foram não apenas freqüentes, foram incessantes, e envolveram injustiças insuportáveis (tradução nossa – doravante citado como DMP).

Infelizmente, o efeito destas mudanças na cidade de Roma é impossível de ser medido pela historiografia. As fontes literárias estão mais interessadas nos imperadores do que em lugares específicos, e normalmente falam de Roma quando estes lá estão. A única exceção são as fontes cristãs, como os *Atos dos Mártires* ou o *Liber Pontificalis*, mas estes são de pouca valia para o que acontecia fora da comunidade cristã, ao menos para esse período. De qualquer forma, uma opinião como a de André Chastagnol, de que a fundação de novas residências imperiais esvaziou Roma de sua importância administrativa⁸ me parece sem fundamentos: a cidade continuava a ser imensa, e a sua própria administração local

⁷ Fundamental instrumento para a cronologia do período é BARNES, T. *The New Empire of Diocletian and Constantine*, Cambridge, Ma: Harvard University Press, 1982.

⁸ CHASTAGNOL, A. L'accentrarsi del sistema: la tetrarchia e Costantino. In: *Storia di Roma*, III.1, Torino: Einaudi, 1993, p.198. Sua idéia de que o Palatino teria sido abandonado pela administração imperial neste período é impossível de ser provada ou demonstrada.

devia envolver uma complexa máquina burocrática. Além disso, como notou Simon Corcoran a respeito da composição dos códigos legais de Hermogeniano e Gregoriano, Roma ainda era o mais importante centro jurídico do Império, e apesar de os imperadores não morarem mais lá era para ela que se dirigiam aqueles que precisavam ter um acesso mais abrangente aos arquivos imperiais.⁹ Quando Maxêncio tomou o poder em 306 foi a existência dessa máquina administrativa que lhe permitiu governar.

A reforma do sistema de governo imperial, que dividiu a Itália em 12 províncias, não afetou a cidade de Roma da maneira que poderíamos esperar. Esta continuou sendo beneficiada pelos mesmos privilégios fiscais que tinha antes. A área que concentrava o maior número de propriedades senatoriais, o sul da península, por outro lado, não foi poupada. Mas, como observou Andrea Giardina, em vez de provocar a reação ou o protesto das elites senatoriais, isso forneceu maiores oportunidades econômicas, sociais e políticas: a taxaçoão, incidindo mais duramente sobre o campesinato, fortaleceu a dominação senatorial através de práticas clientelísticas; a multiplicação de cargos a distribuir e a possibilidade de ocupar posições-chave nas províncias também acabaram por reforçar o poder político desse grupo¹⁰.

É necessário tomar um grande cuidado com generalizações a respeito dos efeitos dessas reformas em Roma, portanto. Se por um lado os imperadores passaram pouco tempo na *URBS* (Diocleciano visitou-a uma vez apenas, e Maximiano, provavelmente três¹¹), isso era cada vez mais comum desde a época de Marco Aurélio, na segunda metade do século II. Embora dividida em diversas províncias, a Itália não escapou ao controle da aristocracia senatorial – na verdade esse controle foi intensificado. Finalmente, as reformas administrativas não mudaram a posição privilegiada do prefeito urbano na hierarquia política, continuando este a responder diretamente ao imperador.¹²

Na verdade, o contrário parece ser o caso: rescritos privados dirigidos a pessoas e cidades do Ocidente encaminhavam as pendências judiciais, quando necessário, para que fossem resolvidas

⁹ CORCORAN, S. *The Empire of the Tetrarchs*, Oxford: Clarendon Press, 1996, p.29.

¹⁰ GIARDINA, A. La formazione dell'Italia provinciale. In: *Storia di Roma*, III.1, Torino: Einaudi, 1993, p.67.

¹¹ Conforme BARNES, 1982, pp.47-87: "Imperial residences and journeys".

¹² Sobre a prefeitura urbana a obra fundamental continua sendo CHASTAGNOL, A. *La préfecture urbaine a Rome sous le Bas-Empire*, Paris: PUF, 1960.

em Roma, onde a maior autoridade judicial era justamente o prefeito urbano.¹³ Não obstante a tendência reverter-se mais tarde, com Constantino, depois de 294 o prefeito tornou-se responsável por todos os casos judiciários que não fossem de competência do imperador ou do senado num raio de 100 milhas ao redor da cidade (e ainda além, em alguns casos previstos pela lei), competindo assim com cônsules e pretores.¹⁴ Na verdade, mais do que competindo, identificando-se: dos 19 prefeitos urbanos que ocuparam o cargo entre 284 e 305, 9 ocuparam o consulado. Destes, 4 ocuparam as duas funções simultaneamente, e 5 foram cônsules antes de serem nomeados para a prefeitura. Dos outros prefeitos cuja carreira é conhecida, todos ocuparam outros cargos importantes na hierarquia imperial, no Ocidente e no Oriente (ver apêndice 1).

Ao que tudo indica, portanto, é necessário ter cautela ao se tentar qualificar a posição de Roma na política de Diocleciano e Maximiano. Se por um lado os imperadores passaram a maior parte do tempo longe da cidade, fazendo apenas visitas muito ocasionais, não deixaram de garantir para a aristocracia da cidade alguns de seus privilégios. Sua política, aliás, teve como efeito prático fortalecer a posição dessa aristocracia diante da população italiana e especialmente de Roma. O fato de os prefeitos urbanos nomeados nesse período serem quase todos aristocratas habituados a ocupar os mais altos cargos do império é um poderoso indicador disso. Talvez analisando a política construtiva dos imperadores tetrarcas em Roma seja possível ter uma compreensão melhor de qual era o espaço ocupado pela cidade no sistema imperial.

O período da tetrarquia foi marcado por intensa atividade construtiva em diversas cidades do Império. Por um lado, isso pode ser creditado à maior estabilidade política, o que permitiu às elites municipais voltar a investir em construção pública. A quantidade de inscrições referentes à dedicação de obras aos imperadores por decurções e governadores provinciais é imensa, e seria importante uma análise das obras públicas realizadas pelas elites provinciais neste período.¹⁵ Por outro lado, a existência de quatro cortes

¹³ CORCORAN, 1996, p.116-17.

¹⁴ CHASTAGNOL, 1960, p.85.

¹⁵ LEPELLEY, C. *Les cités de l'Afrique romaine au Bas-Empire, Tome II: Notices d'histoire municipale*, Paris: Études Augustiniennes, 1981, v.2, é extremamente útil para a África. Uma lista das inscrições organizadas cidade a cidade pode ser encontrada aí. Para o norte da Itália, WARD-PERKINS, B. *From Classical Antiquity to the Early Middle Ages*:

imperiais, ocupando diferentes "residências", levou à necessidade de obras que criassem as condições "apropriadas" para a presença dos soberanos.

Cidades como Trier (residência de Constâncio), Tessalônica (Galério), Split (Diocleciano) e Milão (Maximiano) e outras, foram objeto de grandes programas construtivos nesse período.¹⁶ Estruturas de governo, como palácios e basílicas, de entretenimento, como circos e termas, e especialmente monumentos honoríficos (como arcos e mausoléus) foram erguidos – seria injusto considerar o período tetrárquico como um período de declínio das estruturas urbanas no Império. Nem todos viram estas obras com bons olhos, no entanto: Lactâncio, por exemplo, reclama que Diocleciano era movido por uma 'paixão por construir' (*cupiditas aedificandi*), erguendo e demolindo edifícios, especialmente em Nicomédia (DMP 7.8). Para Lactâncio, isso implicava enorme sacrifício para as províncias, obrigadas a fornecer fundos, material e mão-de-obra para estas construções. Aurélio Vítor, contudo, apresenta uma visão diferente:

Os mais antigos cultos religiosos foram piedosamente cuidados, e de uma maneira maravilhosa as colinas de Roma e outras cidades, especialmente Cartago, Milão e Nicomédia foram adornadas com edifícios novos e ricamente elaborados (*De Caesaribus*, 39.45 – tradução nossa).

A realização de obras públicas aí é comparada à restauração da religião tradicional, sugerindo que a idéia de "renovação" era um importante componente ideológico destas construções.

Renovação será precisamente um dos grandes temas das obras realizadas por Diocleciano e Maximiano em Roma. Sabemos, através do *Cronógrafo de 354 d.C.* (*Chron. a. 354*), que durante o reinado de Carino e Numeriano, antecessores imediatos da tetrarquia, a cidade foi em grande parte destruída por um incêndio:

Public Building in Central and Northern Italy, AD 300-800, Oxford: Oxford University Press, 1984, é muito útil. Não conheço nenhum trabalho mais amplo sobre o Império em geral. A *Storia di Roma* (t.3, v.2: Il Tardoantico: Luoghi e culture) apresenta uma análise breve de cada região do Império. Luke Lavan estudou as capitais provinciais da Antiguidade Tardia, e sua tese deve ser publicada em breve.

¹⁶ BARNES, 1982, p.47-64, fornece uma lista das residências e das viagens imperiais. Para obras imperiais desse período, ver WARD-PERKINS, J. B. *Roman Imperial Architecture*, London: Penguin, 1970, cap. 15: "The architecture of the tetrarchy in the provinces."

o Senado, o fórum de César, a basílica Júlia e o *Graecostadium*¹⁷. Segundo a *História Augusta* (SHA, Caro, 19.2) um incêndio (talvez o mesmo?) havia destruído um teatro, possivelmente o teatro (e pórtico) de Pompeu, no Campo de Marte. A lista de obras realizadas durante o reinado de Diocleciano apresentada pelo Cronógrafo é de fato impressionante: o Senado, o fórum de César, a basílica Júlia, o teatro de Pompeu, 2 pórticos (seriam os ligados ao teatro?), 3 fontes monumentais, o Templo de Ísis e Serápis, o arco Novo e as termas de Diocleciano¹⁸. A extensão destas obras é atestada pela presença de tijolos datados do período tetrárquico (através dos selos de seus fabricantes), como pode ser visto no catálogo publicado por Margareta Steinby.¹⁹

A lista que apresentamos no final deste artigo mostra não apenas a grande variedade de obras realizadas (de termas e monumentos a edifícios com função política), como também a abrangência espacial do projeto edilício tetrárquico (Figura 1). Isso mostra não apenas que o(s) incêndio(s) foram apenas um pretexto para a realização de obras em áreas que de outra forma seriam politicamente inacessíveis (como o fórum romano), mas também sugere que estamos tratando de um amplo programa de refundação da cidade, o que nos remete à associação religiosa feita por Aurélio Vítor (citada acima).

O contexto das obras é bem explicitado por uma inscrição encontrada nas termas construídas na junção entre as colinas do Viminal e do Quirinal (*CIL* VI, 1.130=31.242):

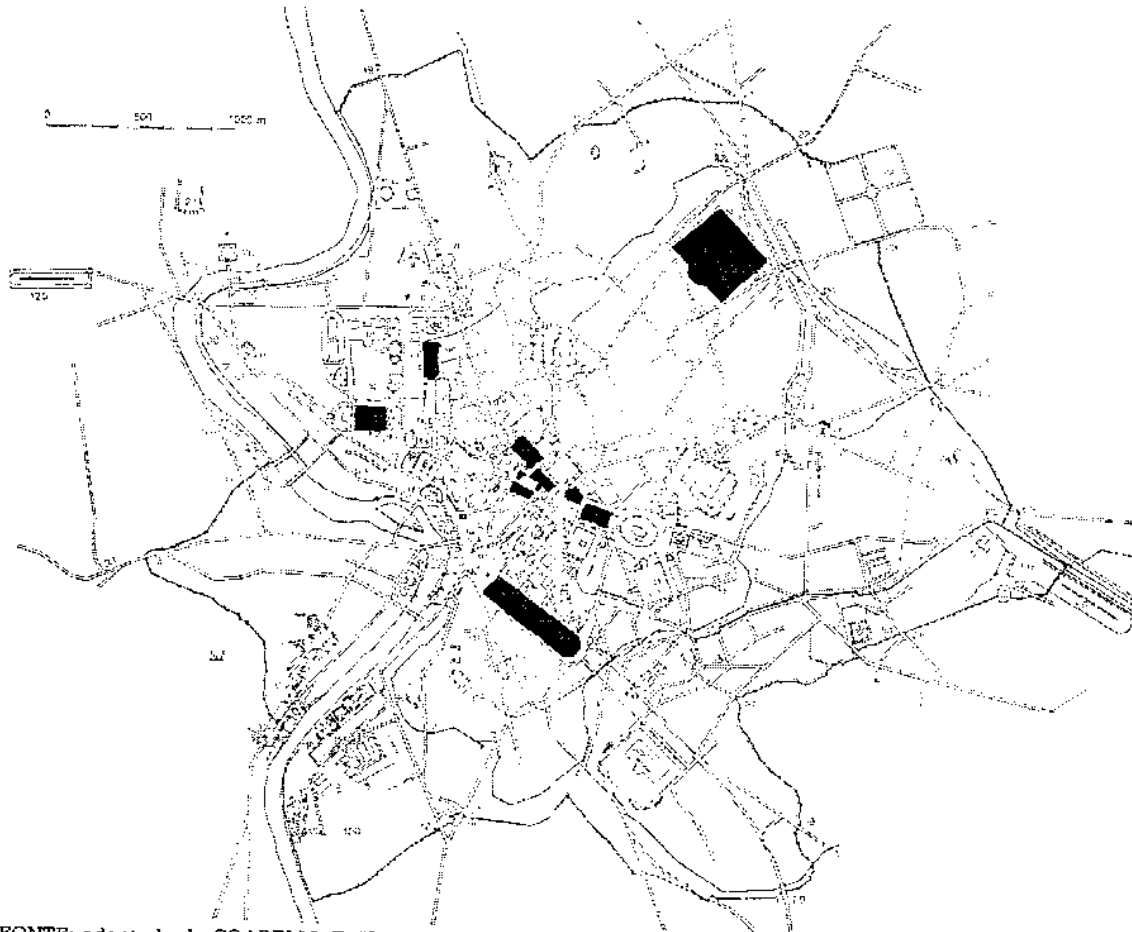
Nossos senhores Diocleciano e Maximiano invictos, Augustos sêniores, pais dos imperadores e Césares nossos senhores Constâncio e Maximiano [Galério], invictos Augustos, e Severo e Maximino, mais nobre Césares, as felizes Termas que Maximiano Augusto retornando da África em sua majestosa presença decidiu e fez construir e consagrou ao nome de Diocleciano Augusto seu irmão, tendo adquirido os edifícios necessários para uma obra tão grandiosa e em todos os seus refinamentos completa, dedicaram aos seus romanos.

¹⁷ *Chron. a.* 354, p.148.

¹⁸ *Idem.*

¹⁹ STEINBY, M. L'industria laterizia di Roma nel tardo impero. In: *Società romana e impero tardoantico*, v.2, Bari: Laterza, 1986, p.160-161.

FIGURA 1 – Mapa de Roma com obras tetrárquicas ressaltadas



FONTE: adaptado de COARELLI, F. "L'edilizia pubblica a Roma in età tetrarchica", in *The Transformations of 'Urbs Roma' in Late Antiquity*, Portsmouth: JRA Supplementary Series 33, 1999, p.23-33.

A obra, magnífica, foi iniciada após o retorno de Maximiano da África, onde esteve em campanha entre 297 e 298 (provável início das construções). As obras não seriam completadas antes da abdicação de Diocleciano e Maximiano, mas antes da ascensão ao poder tanto de Maxêncio quanto de Constantino, o que significa que foi concluída em 305. A referência à campanha na África e ao fato de o Augusto do Ocidente ter pago pela obra toda sugere que esta seja uma celebração da vitória do invicto imperador. Melhor dizendo, do invicto poder imperial, pois todo o colégio imperial é celebrado na inscrição.

As termas de Diocleciano (como Maximiano nomeou o complexo, em homenagem a seu 'irmão') foram o maior complexo termal da Antiguidade. Sua construção exigiu a demolição de uma

enorme área da cidade, incluindo casas privadas e templos.²⁰ Banhos eram um importante aspecto da vida social romana, e era comum imperadores construírem complexos deste tipo não só em Roma como em diversas outras cidades do império. No entanto, como observou De Laine, características de termas imperiais eram o tamanho cada vez maior e a riqueza de sua decoração – não apenas seu elaborado plano arquitetônico, adequado a uma especialização funcional em termos espaciais, mas também o enorme uso de mármore e a decoração escultórea elaborada.²¹ É famosa a passagem de Olímpodoro de Tebas (Frag. 41.1) em que ele, celebrando as grandezas de Roma, afirma que havia 1600 assentos de mármore nas Termas de Caracala, e o dobro disso nas de Diocleciano. Apesar de seus números serem absolutamente questionáveis, o fato de fornecê-los é sugestivo: o tamanho e a capacidade de tal monumento era, em si, uma expressão do poder e da vitória imperial.

Assim como a inscrição acima citada, também as inscrições encontradas próximo ao que teria sido o Pórtico de Pompeu no Campo de Marte sugerem mais do que a simples restauração de um edifício. O pórtico era parte de um complexo que também incluía o Templo de Vênus Victrix e o Teatro de Pompeu.²² Como visto anteriormente, o *Cronógrafo de 354* afirma que o teatro foi restaurado por Diocleciano, mas são as inscrições que interessam aqui: cada uma se refere a um lado do complexo, provavelmente aos lados longos do pórtico, nomeando-os ‘pórtico de Júpiter’ (ILS 621) e ‘pórtico de Hercules’ (ILS 622). Diocleciano e Maximiano haviam se associado a Júpiter e Hércules como parte de sua estratégia político-religiosa de legitimação, e as inscrições, além de difundirem essa imagem, contribuem para a idéia de harmonia e complementaridade entre os dois.

O fórum de César aparece nas listas do *Cronógrafo* tanto como tendo sido destruído pelo incêndio de 283 quanto como uma das obras de Diocleciano e Maximiano. Historiadores e arqueólogos não imaginavam, porém, a extensão das obras realizadas nesse período

²⁰ A bibliografia sobre o complexo não é longa: ver CANDILIO, D. “Thermae Diocletiani”. *LTUR*, v.5, 1999, p.53-58; COARELLI, 2001, p.299-303; YEGÜL, F. *Baths and Bathing in Classical Antiquity*. Cambridge, Ma: The MIT Press, 1992, p.163-69. É interessante observar que não há nenhum estudo completo deste monumento.

²¹ DE LAINE, J. Benefactions and urban renewal: bath buildings in Italy. In: *Roman Baths and Bathing*, Portsmouth: JRA Supplementary Series 37, 1999, p.70.

²² Sobre este monumento: GROS, P. “Porticus Pompei”. In: *LTUR*, v.4, 1999, p.148-49; COARELLI, 2001, p.342-45.

até que sob as ordens de Mussolini a área dos *fora* imperiais começou a ser escavada na década de 1930. A partir daí descobriu-se que as obras tetrárquicas envolveram uma profunda reconstrução da área, dando-lhe uma nova identidade arquitetônica.²³ É impossível saber qual foi o plano originalmente desenhado por César, pois a construção do fórum só foi completada no reinado de Augusto. A partir daí, diversas obras foram realizadas, de restauração e ampliação, até a época da tetrarquia. A estrutura original (Figura 2) envolvia uma praça retangular, cercada por pórticos em três lados: em um dos lados curtos, o que dava acesso à rua que ligava o fórum Romano ao Subura (mais tarde monumentalizada através da criação do fórum de Nerva), e nos dois lados longos. O outro lado curto foi ocupado pelo templo de Venus Genetrix.

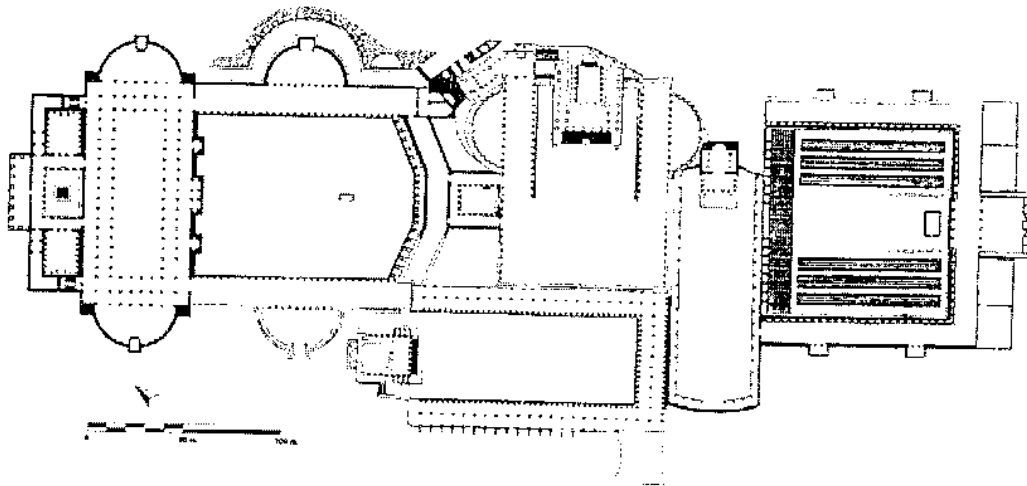
Na época de Trajano o pórtico do lado sul foi estendido, correndo ao lado do templo e por trás deste, dando acesso ao fórum que estava sendo então construído. O segmento desse pórtico foi chamado de 'basílica Argentaria', por estar situado junto à rua chamada "clivus Argentarius". Esse pórtico também dava acesso a uma série de lojas ou escritórios (apesar de chamadas "tabernae", sua função não é conhecida), e acima destas uma grande e luxuosa latrina pública foi construída (a estrutura semicircular que pode ser vista na Figura 3).

Na época de Diocleciano (Figura 3) os pórticos foram completamente reconstruídos. Foram usadas colunas de granito vermelho e negro, as "tabernae" foram reforçadas com paredes de tijolos (as paredes originais sendo de tufa e travertino) e toda a extensão dos pórticos foi repavimentada, com mármore reutilizado. Também o templo teve suas estruturas reforçadas, suas colunas sendo incorporadas em uma grossa parede de tijolos ainda visíveis.

²³ Afora algumas poucas publicações esparsas, o monumento não foi completamente estudado e analisado até a década de 80 do século passado. AMICI, C. *Il Foro di Cesare*, Firenze: Leo S. Olschki, 1991, é a primeira grande publicação dedicada ao fórum de César. ANDERSON, Jr., J. C. *The Historical Topography of the Imperial Fora*, Bruxelas: Latomus, 1984, p.39-64, é uma importante revisão da história do complexo. Na década de 90 novas escavações foram realizadas sob a coordenação de E. La Rocca, sendo parcialmente publicadas em RIZZO, S. "Recenti scoperte nell'ambito degli scavi dei Fori Imperiali", *Rendiconti della Pontificia Accademia di Archeologia*, 70, p.137-50, 1997-98; _____. Indagini nei fori Imperiali. Orografia, foro di Cesare, foro di Augusto, templum Pacis. *Römische Mitteilungen*, 108, 2001, p.215-244 e LA ROCCA, E. La nuova immagine dei fori Imperiali. Appunti in margine agli scavi. *Römische Mitteilungen*, 108, 2001, p.171-213.

A frente do templo foi fechada também por uma parede de tijolos, criando um espaço muito diferente do que deve ter sido o original.

FIGURA 2 – Plano dos fora imperiai



FONTE: LA ROCCA, E. "La nuova immagine dei fori Imperiali. Appunti in margine agli scavi". *Römische Mitteilungen*, n.108, 2001, p.171-213.

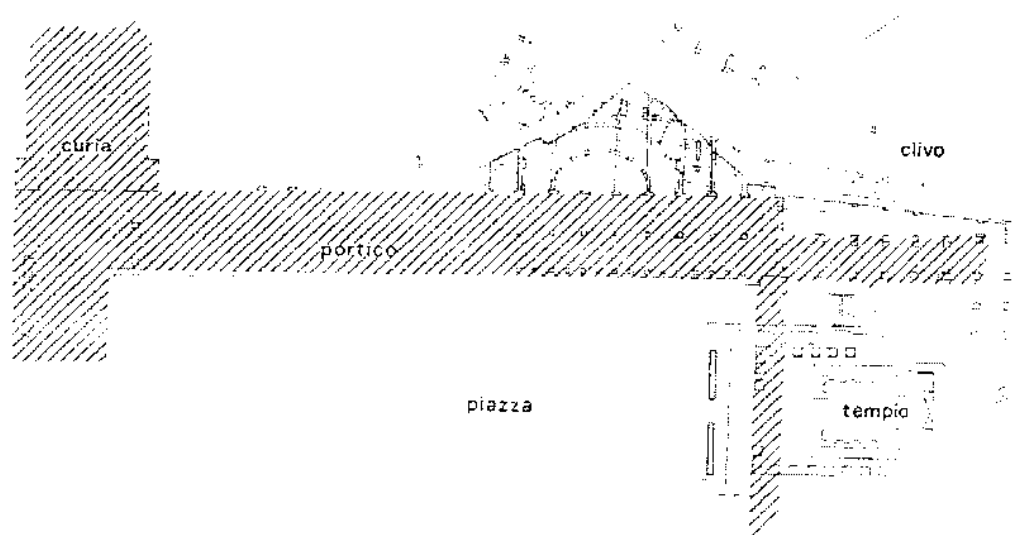
A mudança mais importante, entretanto, parece ser a realizada no pórtico curto, situado atrás da Cúria (a sede do Senado). Aqui, a parede que encerrava o pórtico também foi reforçada por uma nova parede de tijolos (deve-se imaginar duas paredes grudadas uma na outra, uma de tufa e a nova), e a linha de colunas que corria no meio do pórtico foi eliminada no lado próximo à Cúria. A pavimentação também foi refeita, mas difere do resto do pórtico: aqui, o mármore utilizado copiava o padrão usado na sede do Senado. Um desenho feito por Antonio da Sangallo, o jovem no século XVI (Figura 4), ao qual voltaremos mais tarde, reforça a idéia de que este espaço fosse ligado funcionalmente ao Senado. Quando Sangallo esteve em Roma, a antiga Cúria havia sido convertida em igreja, S. Adriano, mas o trabalho conduzido por Bartoli no início do século XX revelou que duas portas, nos fundos do edifício, conduziam ao pórtico do fórum de César²⁴.

Uma base de estátua encontrada nesta área (*CIL* VI, 41.389), dedicada ao líder militar bárbaro Aécio em 437 ou 438 pelo Senado, sugere a identificação deste espaço como sendo o Átrio da Liberdade. Originalmente um arquivo contendo informações sobre cidadãos romanos, ao que tudo indica no final do século III havia

²⁴ BARTOLI, A. *Curia Senatus: lo scavo e il restauro*, Roma: Istituto di Studi Romani, 1963.

tido reduzido a uma função simbólica, e nesse sentido foi associado ao Senado.²⁵ O desenho de Sangallo ainda sugere que a Cúria era ligada a uma estrutura a Oeste, onde fica a Igreja de S. Martina. Esta corresponde a uma das "tabernae" do fórum de César, onde foi encontrada uma inscrição dedicada pelo prefeito urbano Flavius Annius Eucharius Epiphanius entre 412 e 414 aos imperadores Honório e Teodósio II (*CIL VI, 1718*). Esta celebra a restauração do "secretarium senatus", uma área provavelmente reservada para sessões especiais e sigilosas da ordem senatorial na época tardo-antiga²⁶. O fato de que esta área foi objeto das intervenções tetrárquicas sugere que também a localização desta estrutura data do período da tetrarquia.

FIGURA 3 – Obras tetrárquicas no fórum de César



FONTE: AMICI, C. *Il Foro di Cesare*, Firenze: Leo S.Olschki, 1991, p.143

Na publicação de seu trabalho na sede do Senado, Bartoli chamou a atenção para o fato de que a frente da Cúria era alinhada à frente do que teria sido o *Secretarium Senatus* por um longo pórtico de mármore (hoje destruído, mas os traços do pavimento de

²⁵ FRASCHETTI, 1999, p. 211. Para Frascchetti, a colocação do Átrio da Liberdade nesta área dataria do século V, mas conferir LA ROCCA, 2001, p.180, para a datação em época dioclecianica.

²⁶ Ver a análise desta estrutura em FRASCHETTI, 1999, p.218-36.

mármore ainda são visíveis na parede da frente do edifício)²⁷. O Senado tornou-se assim parte de um complexo monumental cuja arquitetura ainda não se conhece bem, mas que foi recentemente iluminada pelo trabalho de Alessandro Viscogliosi²⁸. O desenho de Sangallo (Figura 4) mostra duas estruturas entre S. Adriano e S. Martina. A estrutura ao lado do que teria sido o *Secretarium Senatus* possui uma linha de colunas correndo ao longo de seu centro, e dois pilares de travertino (segundo as notas de Sangallo) em sua entrada. Estes pilares, com cerca de 3 x 5 metros cada um (sempre segundo Sangallo), correspondem à estrutura de onde o papa Leão X fez serem retirados painéis de mármore com relevos de Marco Aurélio (estilisticamente muito semelhantes aos que foram reutilizados no arco de Constantino, provavelmente fazendo parte da mesma série) em 1515, e que hoje podem ser vistos no Museu Capitolino em Roma.

De Maria havia sugerido que estes relevos (os que estão no museu e os do arco de Constantino), 11 no total, teriam sido parte da decoração de um arco dedicado ao imperador Marco Aurélio em 176, ao qual pertenceria ainda uma inscrição comemorativa (*CIL VI*, 1014, vista na área do monte Capitolino no século IX).²⁹ A sugestão de Viscogliosi é de que este arco, até recentemente de localização desconhecida, seja identificado nestes pilares³⁰. Por ficar numa área que certamente foi afetada pelo incêndio de 283, o arco pode ter sido reconstruído de uma forma mais simples no reinado de Diocleciano, servindo agora de acesso monumental ao complexo *Cúria-Secretarium-fórum de César*³¹.

A imensa reconstrução do fórum de César, desse modo, parece ter sido importante não apenas pelas suas inovações arquitetônicas – o complexo, que até então tinha um plano bastante tradicional,

²⁷ BARTOLI, 1963, p.38. O edifício tinha uma aparência muito diferente da que tem hoje: as paredes de tijolos, em grande parte restauradas por Bartoli, eram cobertas por placas de mármore.

²⁸ VISCOGLIOSI, A. *I fori imperiali nei disegni d'architettura del primo cinquecento*. Roma: Gangemi Editore, 2000, p.29-39. Apresento aqui o argumento de forma resumida.

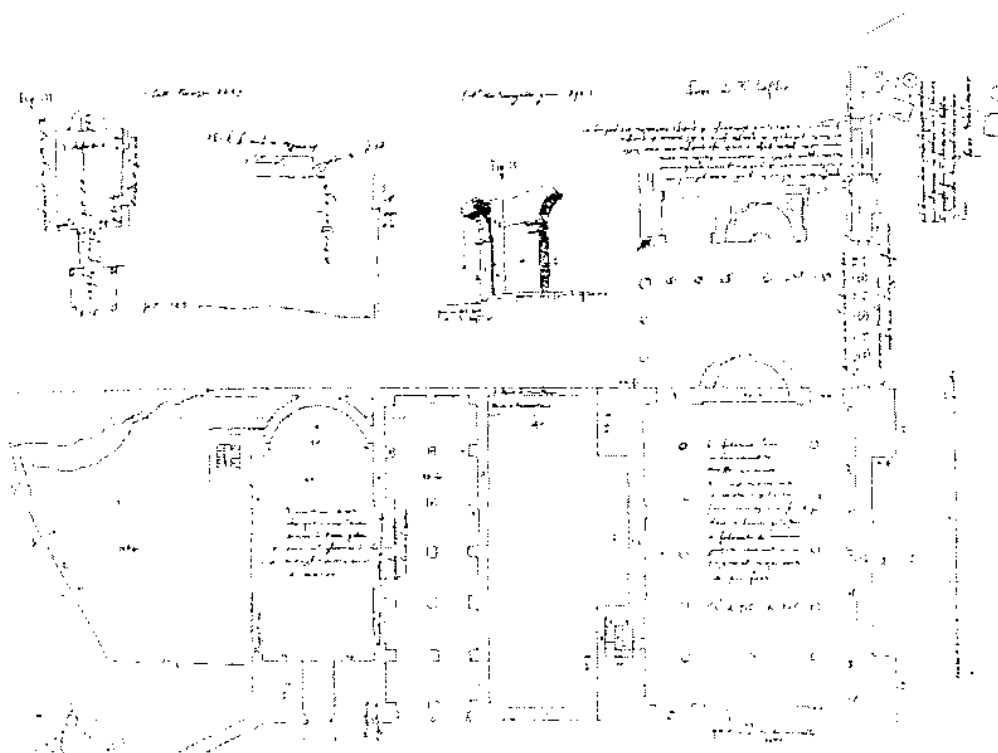
²⁹ DE MARIA, S. *Gli archi onorari di Roma e dell'Italia Romana*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1988, p.303-305. As esculturas foram analisadas e discutidas por KLEINER, D. *Roman Sculpture*. New Haven: Yale University Press, 1992, p.288-95.

³⁰ VISCOGLIOSI, 2000, p.37. Ele ainda observa que na época da escavação desta área, ao final do século XIX, diversos fragmentos de decoração arquitetônica relacionada à vitória imperial foram encontrados, e comenta que é se de admirar que ninguém tenha se perguntado o que relevos comemorando uma vitória imperial estariam fazendo em uma igreja medieval.

³¹ O que explicaria inclusive a origem dos painéis escultóreos do arco de Constantino.

mudou completamente de figura –, mas por estar relacionada ao desenvolvimento de um outro espaço monumental. A área teve seu uso transformado, através de uma mais intensa associação não só física, como também institucional, entre o fórum e o edifício do Senado, e isto é extremamente importante para a compreensão da política imperial com relação a Roma. É bem sabido que a influência da aristocracia senatorial e da instituição onde ela se fazia representar, o Senado, declinaram durante o século III. O Senado não era mais um órgão fundamental no processo de tomada de decisão na corte há muito tempo, mas este desenvolvimento deve ser nuançado por duas particularidades.

FIGURA 4 – Desenho do complexo de S.Martina`– S. Adriano (Cúria), de Antonio da Sangallo o jovem, século XVI



FONTE: FRASCHETTI, 1999, p. 137

Em primeiro lugar, neste período em que o *status* e a carreira dos membros da ordem senatorial mudaram tanto, as reformas tetrárquicas ofereceram novas oportunidades para o exercício de poder por parte dos senadores (ver acima)³². Ao mesmo tempo, o

³² Fundamental é a análise de CHASTAGNOL, A. L'evoluzione dell'ordine senatorio nei secoli III e IV della nostra era. In: *La parte migliore del genere umano*. Torino: Scriptorium,

Senado permaneceu sendo a instituição política suprema da maior cidade do Império, e seus membros exerciam considerável influência política sobre a cidade. Além do mais, a lista dos prefeitos urbanos que ocuparam esse cargo durante a tetrarquia mostra que estes – que cumpriam o papel de presidentes das sessões no Senado – eram em sua maioria aristocratas com acesso às mais altas esferas de poder no Império. Não deixa de ser interessante, então, que as construções tetrárquicas tenham, em primeiro lugar, associado o conceito de *Libertas* à Cúria e, mais importante ainda, que tenham dado tamanha atenção aos espaços ligados às suas atribuições políticas.

É na área do fórum romano, no entanto, que as mudanças mais interessantes aconteceram, não tanto em termos arquitetônicos, mas especialmente em termos da relação entre o *populus* e o poder imperial. Nesta área a reconstrução que se seguiu ao incêndio envolveu a restauração de edifícios tradicionais e também uma extensa reorganização de sua arquitetura monumental.³³ As duas grandes basílicas, a Emília e a Júlia, foram completamente reconstruídas: no caso da Emília, melhor documentado, novas paredes, colunas, além de novo piso e revestimento parietal de mármore reutilizado. A Cúria, como já foi observado, também foi reconstruída, e a praça em frente a ela também foi monumentalizada, com a construção de uma fonte redonda de mármore em seu centro (traços da qual ainda são claramente visíveis no pavimento).³⁴

A praça do fórum foi delimitada por uma série de monumentos honorários: os *rostra* do lado leste foram ampliados, e um monumento honorário composto por cinco colunas encimadas por estátuas construído em cima deles. As bases das colunas, estudadas por H. P. L'Orange em um artigo clássico publicado em 1938, foram decoradas com relevos associando temas religiosos às

1996a, p.9-22. _____. La carriera senatoriale nel Basso Impero. In: *La parte migliore del genere umano*. Torino: Scriptorium, 1996b, p.25.

³³ Os trabalhos fundamentais são BAUER, F. A. *Stadt, Platz und Denkmal in der Spätantike: Untersuchungen zur Ausstattung des öffentlichen Raums in den spätantiken Städten Rom, Konstantinopel und Ephesos*, Mainz: Philipp von Zabern, 1996, parte 1; COARELLI, 1999; e especialmente para a arqueologia da área GIULIANI, C. F.; VERDUCHI, P. *L'Area centrale del Foro Romano*. Florença: Leo S. Olschki, 1987, 2.v.

³⁴ BONI, G. "Esplorazioni nel Comizio", *Notizia degli Scavi*, 1900, datou esta fase no século IV d.C.. A descoberta de bases de estátuas que datam da época tetrárquica e da primeira metade do século IV são prova da datação. Um resumo das descobertas foi feito por ASHBY, T., "Excavations in Rome", *Classical Review*, 1113, 1899, p. 184-86 e 232-35.

celebrações dos 10 anos da tetrarquia.³⁵ No lado oposto da praça (oeste), foram erguidos novos *rostra* – deste monumento, no entanto, sabemos muito pouco, visto que foi quase completamente destruído por arqueólogos no início do século XX. O lado longo sul, próximo à basílica Júlia, foi alinhado por 7 colunas, fazendo da praça um espaço fechado, simétrico e rigidamente hierarquizado, cercado por monumentos imperiais (Figura. 6).³⁶

As inscrições dedicadas nesta área complementam o quadro: em frente à Cúria, na área do Comício, foi dedicada uma estátua do “propagador do Império” e “depositário de todas as virtudes” Maximiano (*CIL VI*, 36947); em frente à basílica Júlia, duas estátuas celebravam o mesmo imperador (*CIL VI*, 1127 e 1128); em uma área incerta da praça central, um bloco de mármore (uma base de estátua? um altar?) pessimamente conservado foi encontrado, e se a interpretação de seus editores estiver correta, trata-se de uma oferta de Maximiano e Diocleciano ao *Genius de Roma*.³⁷ Outras inscrições encontradas nesta área e nas vizinhanças (especialmente ao longo da Via Sacra) repetem os mesmos temas: a piedade, a força, a invencibilidade do poder imperial.

Emanuel Mayer criticou recentemente a idéia de propaganda como sendo a chave correta para a leitura destes monumentos. Para ele, o controle dos imperadores sobre tais obras era muito limitado: Maximiano e Diocleciano estavam em campanhas militares, e a idéia de que a realização de seus monumentos dependesse de sua aprovação seria absurda. Os monumentos tetrárquicos seriam parte de uma “cultura panegírica”: planejados e construídos pelas elites locais, afirmam valores específicos dos imperadores que estas elites desejam celebrar.³⁸ Adulação, mais do que propaganda, seria a maneira correta de caracterizar as obras realizadas no fórum romano.³⁹ Isso é importante, pois mesmo no século IV d.C. o fórum

³⁵ Discussão em L'ORANGE, H. P. “Ein tetrarchisches Ehrendenkmal auf dem Forum Romanum”, In: *Römische Mitteilungen* 53, 1938, p.1-34. As estas bases correspondem as inscrições *CIL VI*, 1203-05 e 31262.

³⁶ Como bem observou COARELLI, 1999, p.30.

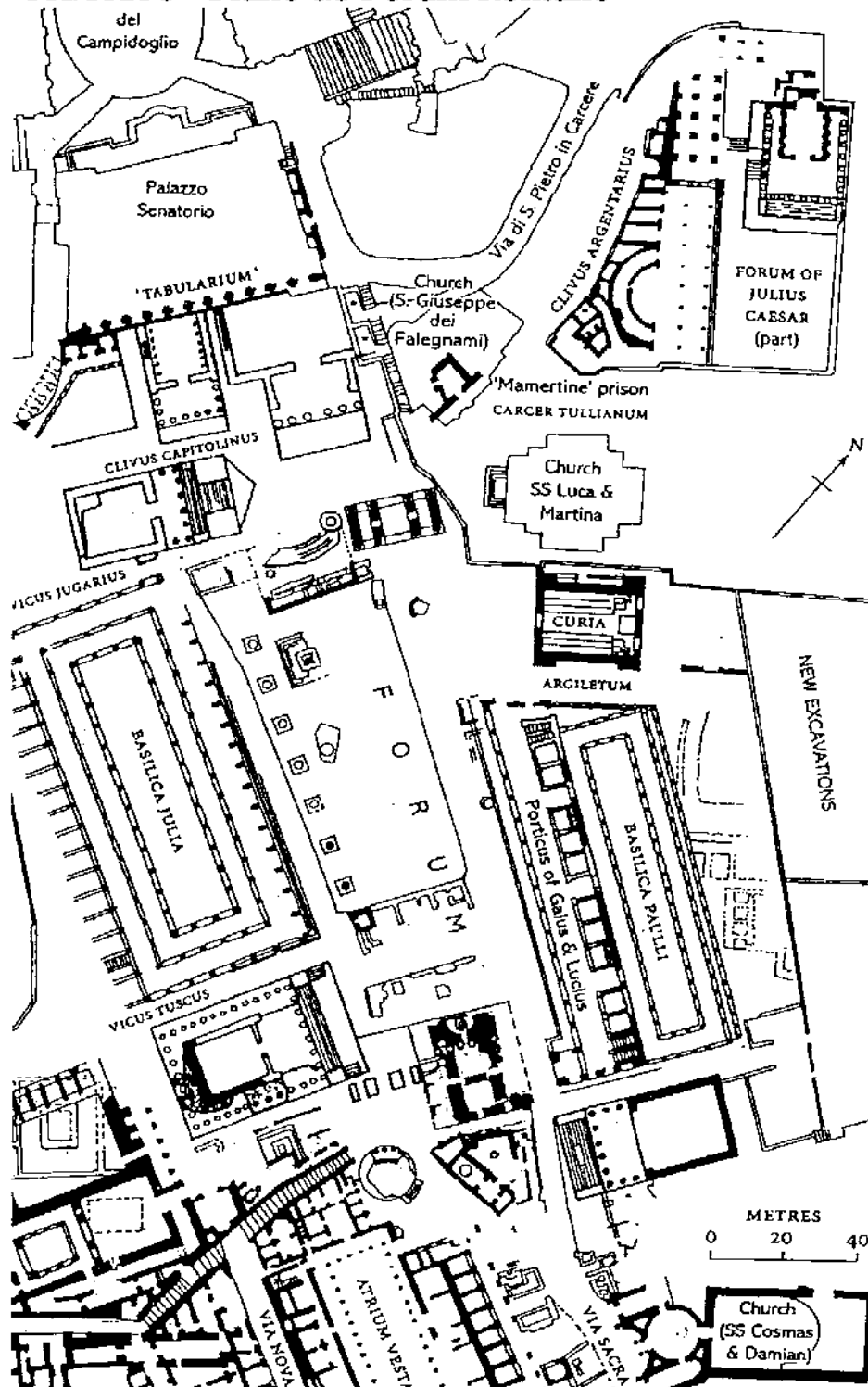
³⁷ *CIL VI*, 40714: “[Genio p]opu[li romani Dioclet]ianus e[t Maximianus invi]cti au[gusti]”. A extensão da reconstrução, no entanto, recomenda cautela.

³⁸ MAYER, E. *Rom ist dort, wo der Kaiser ist*. Mainz: Rudolf Habelt, 2002. A discussão do conceito de propagando e do “panegyrischen Milieus” está nas p.4-18. Mayer trata da Roma tetrárquica brevemente nas p.175-182. Agradeço ao autor por ter me indicado o livro e discutido suas idéias comigo.

³⁹ Não é o caso de obras mais ambiciosas, como as termas de Diocleciano, discutidas acima.

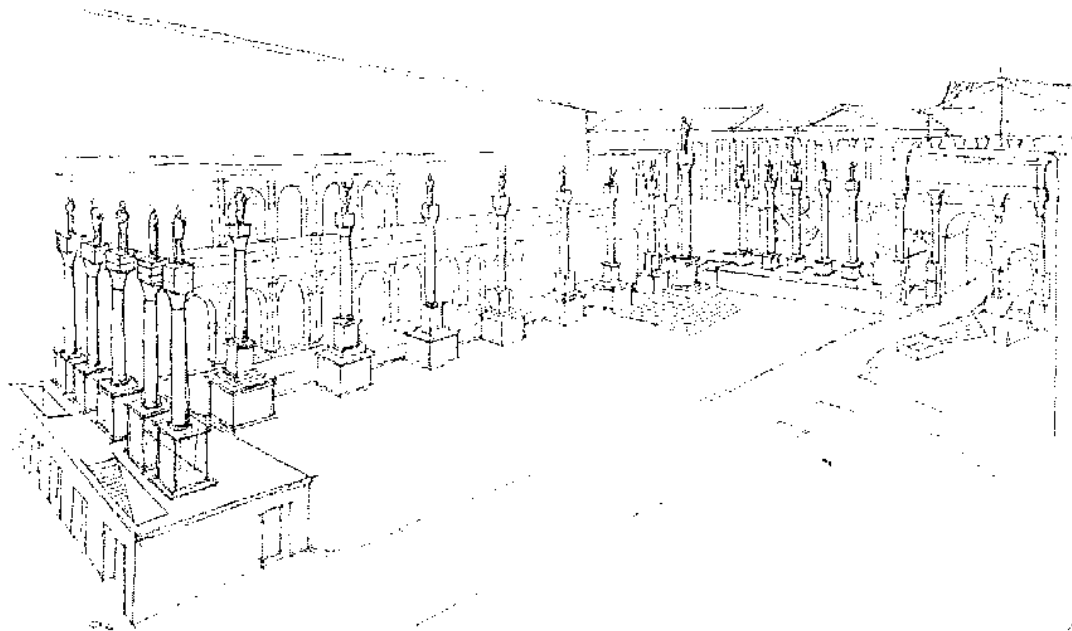
romano ainda era um espaço importante para a interação entre os imperadores e o *populus*.

FIGURA 5 – Plano do Fórum Romano



FONTE: CLARIDGE, A. *Rome* (Oxford Archaeological Guide), Oxford: Oxford University Press, 1998.

FIGURA 6 – Reconstrução arquitetônica do fórum



FONTE: COARELLI, 1999, p.30.

A bibliografia geralmente trata o fórum como sendo meramente um espaço monumental vazio de uso. Em sua análise do fórum no período imperial, Nicholas Purcell salientou como esta área tornou-se um reflexo da *Res publica*, representando a organização do poder imperial. O acúmulo de monumentos legitimadores é uma das principais características da arquitetura pós-Augusto: em suas palavras, esta tornou-se uma área "(...) para símbolos, mais do que para a ação (...)".⁴⁰ Ao narrar o sonho no qual Septímio Severo teve o presságio de que seria imperador, Herodiano refere-se à entrada do fórum como a área onde no tempo da República assembléias populares costumavam ser realizadas (2.9.6), o que reforça esta idéia.

Ademais, é interessante observar que no Panegírico composto em honra a Maximiano em 291 foi observado que este imperador logo seria vitorioso no mar, e lembraria aos romanos o significado dos *rostra* (a proa dos navios inimigos).⁴¹ Na verdade, o fórum, e em especial os *rostra*, exerciam um papel fundamental no contato entre imperadores e povo no baixo Império: Amiano Marcelino, ao narrar

⁴⁰ PURCELL, N. "Forum Romanum (the Imperial period)". *LTUR*, v.2, p.336-42, 1995, p. 340. – tradução nossa.

⁴¹ *Panegíricos Latinos* (ed. C. Nixon e B. Rodgers). In: *In Praise of Later Roman Emperors*, Berkeley: University of California Press, 1994, 11.19.5: "(...) et oblitos iam Quirites in memoriam reducatís cur ille sollempnis contionibus locus Rostra vocitetur."

a entrada de Constâncio II em Roma (16.10.13), faz referência à sua presença, e logo depois nos informa que após ter falado na Cúria o imperador se dirigiu ao povo "do tribunal" – muito provavelmente dali mesmo.⁴² É interessante que ao narrar os acontecimentos políticos que se sucederam à morte de Severo Alexandre, a *História Augusta* dá grande atenção ao fórum romano como área de atividade política: senadores se reúnem no templo de Castor e Polux (*Max.* 16.1; *Val.* 5.4) e no templo da Concórdia (*Max. e Balb.* 1.1-4). Mais interessante do que isso, Máximo e Balbino são mencionados convocando o povo para os *rostra* após terem sido nomeados imperadores (*Max. e Balb.* 3.2-5), ocasião em que o povo unido pediu que Gordiano III fosse nomeado César – e foi atendido.

Apesar de a evidência fornecida pela *História Augusta* ser no mínimo duvidosa devido à reputação da obra, ela pode ao menos ser tomada como um indicador de que para os romanos do século IV d.C. (a audiência destas biografias) a idéia de que o fórum e em especial os *rostra* podiam servir de espaço para a interação entre imperadores e o povo não era absurda. Na verdade, a referência feita no panegírico de Maximiano citado acima sugere que não só o uso, como o significado do monumento ainda era lembrado no final do século III. É nesse contexto que podemos entender as obras realizadas, as estátuas dedicadas e os elogios inscritos nos monumentos. Para os imperadores tetrárquicos, a percepção que a população de Roma teria deles era uma questão crucial. Isso nos leva, no entanto, a um problema final: como reagiu o povo de Roma?

É impossível saber o que aconteceu em Roma na visita dos tetrarcas em 303. Eutrópio nos informa que, antes de renunciar, Diocleciano visitou Roma com Maximiano, onde celebraram uma magnífica procissão triunfal, ambos em um mesmo carro (9.27.2). O Triunfo celebrava as vitórias imperiais, e serviu também como ocasião para a celebração dos 20 anos do reinado conjunto.⁴³ Nessa

⁴² "Proinde Romam ingressus imperii virtutumque omnium larem, cum venisset ad rostra, perspectissimum priscae potentiae forum, obstipuit, perque omne latus quo se oculi contulissent, miraculorum densitate praestricus, allocutus nobilitatem in curia, populumque e tribunali, in palatium receptus multiplici laetitia fruebatur optata..."

⁴³ A celebração de aniversários imperiais, no Baixo Império, não correspondia mais à contagem 'correta' de anos. Cf. CHASTAGNOL, A. Les jubilés impériaux de 260 à 337. In: *Crise et redressement dans les provinces européennes de l'Empire*. Estrasburgo: Université des Sciences Humaines de Strasbourg, 1983, p.11-25. O mesmo foi feito por, entre outros, Constantino. Para essa visita, veja CHASTAGNOL, A. Maximien Hercule à Rome. In:

visita os imperadores também deveriam assumir o cargo de cônsules, no início de 304. O panegírico lido para Maximiano em 289, 14 anos antes da visita, indica as expectativas que cercavam uma ocasião como esta:

Feliz Roma, sob líderes como esses [Maximiano e Diocleciano] (...); feliz, digo, e muito mais feliz do que sob Rômulo e Remo. Pois eles, apesar de irmãos e gêmeos, discordaram a respeito de qual lhe daria seu nome, e escolheram montes e tomaram auspícios diversos. Mas esses seus conservadores, Roma (...), lutam por ti sem inveja. Esses governantes, assim que retornarem a ti em triunfo, desejam ser conduzidos em uma mesma carruagem, subir o Capitólio e habitar o Palatino juntos.⁴⁴

Alguns anos depois, em um contexto político completamente diverso, outro panegírico lido para Maximiano referiu-se a esta sua visita a Roma: "Mais uma vez, quando em seu vigésimo ano como imperador, oitavo como cônsul, Roma tentou segurá-lo em seu abraço, como se tivesse um pressentimento e medo do que estava por acontecer."⁴⁵

Mas não foi isso o que ocorreu. Segundo Lactânio, Diocleciano e Maximiano entraram em Roma em 20 de novembro de 303. Lá, no entanto, o todo poderoso e invicto Diocleciano não pode suportar a "liberdade" do povo romano, e impaciente e irritado deixou a cidade antes do dia 1º de janeiro de 304, quando seu nono consulado teria início.⁴⁶ Mas como a "liberdade" do povo romano poderia ter irritado tanto o imperador? Justo Diocleciano, que com Maximiano era celebrado em diversos monumentos por toda a cidade?

Uma indicação do que pode ter acontecido está na biografia de Galieno na *História Augusta*. Galieno sucedeu a seu pai, Valeriano, capturado pelos persas em batalha. A situação do Império era ainda mais complicada, pois diversas revoltas e tentativas de usurpação estavam em andamento. Nesse contexto, após ter massacrado a

Aspects de l'Antiquité tardive, Roma: L'Erma di Bretschneider, 1994. As fontes foram reunidas por BARNES, 1982, p.56 e 59-60. CHASTAGNOL, 1983, p.16, é da opinião de que todos os tetrarcas estiveram em Roma nesta ocasião.

⁴⁴ *Panegíricos Latinos*, 10.13.1-2 (trad. nossa).

⁴⁵ O que estava por acontecer era a abdicação de Maximiano, em 305. *Panegíricos Latinos*, 7.8.8.

⁴⁶ *DMP* 17.2: "Quibus sollemnibus celebratis cum libertatem populi Romani ferre non poterat, impatiens et aeger animi prorupit ex urbe impendentibus kalendis ianuariis, quibus illi nonus consulatus deferebatur."

população de Bizâncio, Galieno retornou a Roma para celebrar seu triunfo e o aniversário de 10 anos de seu reinado. A biografia descreve com detalhes (Gall. 8.1-7) a pompa e magnificência da procissão, da qual tomaram parte a corte, os senadores, sacerdotes e o povo. Inimigos derrotados foram arrastados, assim como os tesouros conquistados. Mesmo que o relato seja pura ficção, produto da imaginação de um escritor (provavelmente ligado à aristocracia senatorial) do final do século IV,⁴⁷ ele é bastante revelador a respeito do que se poderia esperar do *populus romano* em suas relações com o poder imperial.

Com essa pompa o tolo acreditava iludir o povo romano, mas tamanho é o amor dos romanos pela farsa que um aclamava Póstumo, outro Regaliano, outro Auréolo ou Aemiliano, e outro Saturnino [usurpadores da época]. [...] Mas um bem conhecido exemplo da farsa não deve ser esquecido. Quando um bando de persas, supostamente prisioneiros, estava sendo conduzido na procissão (um fato ridículo), certas pessoas misturaram-se a eles e examinaram cuidadosamente suas feições [...]. E quando perguntados o que procuravam com tamanha atenção, responderam: "Estamos procurando pelo pai do imperador." E quando tal fato chegou ao imperador, não foi tocado por pudor, ou pesar, ou amor filial, e ordenou que estas pessoas fossem queimadas vivas.⁴⁸

Desse relato algumas observações podem ser feitas, e me parece válido que sejam extrapoladas para o entendimento das relações entre o poder imperial e o povo de Roma em geral. Apesar de toda a pompa e das intenções do imperador, os romanos não eram objeto passivo das celebrações imperiais. Eles sabiam e podiam utilizar ocasiões como a procissão triunfal para ridicularizar e criticar esse mesmo poder. É claro que não seria possível afirmar que o mesmo tipo de reação tenha acontecido em 303. No entanto, a informação de que foi a "liberdade" do povo que incomodou Diocleciano não deve ser deixada de lado ou ignorada.

É possível concluir? A natureza das fontes e a complexidade do tema indicam que nunca seremos capazes de entender perfeitamente a relação entre o poder imperial e a cidade de Roma, especialmente no período tetrárquico. Porém, algumas características mais gerais podem ser indicadas com base no que

⁴⁷ Sobre o contexto e audiência da *História Augusta*, veja MACHADO, C. Biografias em contexto: a *História Augusta*. *História*, São Paulo, v.19, p.131-151, 2000.

⁴⁸ Gall. 9.1-7 (trad. nossa).

discutimos acima. Durante o período tetrárquico houve um inegável distanciamento entre a corte imperial e a elite romana. Apesar de este ser um processo contínuo, com início no Alto Império, consolidou-se quando os imperadores começaram a escolher novas cidades como residência. "Roma é onde o imperador está", repetiram historiadores antigos e modernos. Mas isto não significa que a cidade tenha sido abandonada: as reformas tetrárquicas não só respeitaram como consolidaram o poder da elite romana nas áreas próximas à cidade. Essa preeminência foi materialmente confirmada através da atenção dada aos monumentos associados ao Senado, como vimos acima. A cidade continuou sendo objeto do cuidado imperial, preocupado em prover amenidades como banhos e teatros. Mais do que isso, os imperadores demonstraram um ativo interesse em como seriam percebidos pela população romana.

A.H.M. Jones famosamente referiu-se à *URBS* como sendo, na época de Diocleciano, um anacronismo.⁴⁹ Parece-me que não seja o caso. Ali ainda vivia a maior população, governada pela elite mais rica e poderosa do Império. Ali estavam estacionadas tropas imperiais, capazes de fazer ou desfazer um imperador (como foi o caso de Maxêncio em 306). O fato de que o mais importante e poderoso dos imperadores tetrárquicos não conseguiu agradar a população é extremamente importante. J. H. W. Liebeschuetz observou recentemente que ao menos durante os séculos iniciais da Antiguidade Tardia um imperador que não controlasse Roma perdia uma grande parte não só de sua legitimidade, como também de sua capacidade de governar.⁵⁰ Roma podia não ser mais a sede do poder imperial, mas ao menos durante a tetrarquia este optou por não prescindir dela.

APÊNDICES

1) PREFEITOS URBANOS SOB DIOCLECIANO (284-305)

A presente lista baseia-se nas listas apresentadas por BARNES, 1982, pp. 110-113. Estas permitem a elaboração de uma lista mais acurada do que a de CHASTAGNOL, 1960, p.xvii-xix. Observe que prefeitos urbanos em Roma não possuíam um mandato fixo. As

⁴⁹ JONES, A. H. M. *The Later Roman Empire: a social, economic and administrative survey*. Oxford: Basil Blackwell, 1964, p.687.

⁵⁰ LIEBESCHUETZ, J. H. W. G. "Ravenna to Aachen". In: *Sedes Regiae (ann. 400-800)*, Barcelona: Reial Acadèmia de Bones Lletres, 2000, p.10.

informações a respeito de cada prefeito foram colhidas da *Prosopography of the Later Roman Empire (PLRE)*⁵¹ e as referências entre parênteses remetem aos diversos verbetes desta obra. Na lista abaixo, PUR significa prefeito urbano, COS cônsul e PPO prefeito do pretório.

- 284 - Ceionius Varus (Varus 1) - não possuímos mais informações sobre ele.
 285 - L. Caeionius Ovinius Manlius Rufinianus Bassus (Bassus 18) - PUR em 285 e COS também em 285.
 286 - Iunius Maximus (Maximus 38) - PUR em 286 e COS também em 286.
 288 - Pomponius Iunianus (Iunianus 2) - PUR em 288 e COS também em 288.
 290 - Turranius Gratianus (Gratianus 3) - *Corrector Prov. Achaiae* em 289 e PUR em 290.
 291 - Iunius Tiberianus (Tiberianus 8) - COS em 281 e depois em 291 e PUR em 291.
 292 - Cl. Marcellus (Marcellus 10) - PUR em 292; sua família havia ascendido há no máximo duas gerações a ordem senatorial.
 293 - Septimius Acindynus (Acindynus 1) - PUR em 293; seu filho Acindynus 2 foi PPO do Oriente em 338 e COS em 340.
 295 - T. Cl. Aurelius Aristobulus (Aristobulus) - PPO em 285 e PUR em 295, ao que tudo indica natural da África.
 296 - Cassius Dio (Dio) - COS em 291 e PUR em 296.
 297 - Afranius Hannibalianus (Hannibalianus 3) - COS em 292, PUR em 297, ao que tudo indica de origem asiática.
 298 - Artorius Maximus (Maximus 43) - Procônsul da Ásia em 287, PUR em 298, nascido em Éfeso.
 299 - Anicius Faustus (Faustus 6) - COS II em 298, PUR em 299.
 300 - Pompeius Faustinus (Faustinus 7) - PUR em 300.
 301 - Aelius Dionysius (Dionysius 12) - PUR em 301.
 302 - Nummius Tuscus (Tuscus 1) - COS em 295, PUR em 302.
 303 - Iunius Tiberianus (Tiberianus 7) - Procônsul da Ásia em 293, PUR em 303.
 304 - Aradius Rufinus - BARNES, 1982, p.115 observa que costuma ser identificado com PLRE 1, Rufinus 10, que foi PUR em 312, mas que provavelmente este é seu filho.
 305 - Postumius Titianus (Titianus 9) - COS II em 301, PUR em 305.

2) OBRAS REALIZADAS EM ROMA NO PERÍODO TETRÁRQUICO

Essa lista é baseada na informação tanto do Cronógrafo de 354 d.C. quanto da lista apresentada em STEINBY, 1986, p.161-162. O resultado foi confrontado com os respectivos verbetes do *Lexicon Topographicum Urbis Romae*⁵² e com o levantamento feito no *Corpus Inscriptionum Latinarum (CIL)*, vol.6, e em *Inscriptiones Latinae Selectae*. Foram incluídas nesta lista apenas aquelas obras que podem ser datadas com certeza a este período.

⁵¹ JONES, A. H. M.; MARTINDALE, J.; MORRIS, J. *The Prosopography of the Later Roman Empire*. v.1 (260-395), Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

⁵² STEINBY, M. (org.) *Lexicon Topographicum Urbis Romae*. 6.v., Roma: Quasar, 1993-1999.

- * Termas de Diocleciano – confirmada por fontes literárias, como o *Cronógrafo de 354*, pela datação dos tijolos (STEINBY, M. “L’industria laterizia di Roma nel tardo impero”. In: *Società romana e impero tardoantico*, v.2, Bari: Laterza, 1986, séries 2, 3, 4 e 8) e por *CIL VI*, 1124 e 1130.
- * Bases honorárias do fórum Romano – confirmadas pela datação dos tijolos (STEINBY, 1986, séries 3 e 4).
- * Basílica Emília – confirmada pela datação dos tijolos (STEINBY, 1986, séries 2, 3 e 4) e por *CIL VI*, 36948.
- * Basílica Júlia – confirmada pelo *Cronógrafo de 354*, pela datação dos tijolos (STEINBY, 1986, série 4) e por *CIL VI*, 1127 e 31241.
- * Cúria (Senado) – confirmada pela *Crônica de 354*, pela datação dos tijolos (STEINBY, 1986, séries 3 e 4) e *CIL VI*, 40722.
- * Teatro e Pórtico de Pompeu – confirmados pelo *Cronógrafo de 354* e por *ILS* 621, 622.
- * Arco Novo – confirmado pelo *Cronógrafo de 354*; *CIL VI*, 31385 pode confirmar a datação.
- * Rostra de Diocleciano no fórum Romano – confirmados pela datação dos tijolos: *CIL XV*, 1650.
- * Rostra no fórum Romano – confirmados por *CIL VI*, 1203, 1204, 1205 e 31262.
- * Fórum de César – confirmado pelo *Cronógrafo de 354* e pela datação dos tijolos (não mencionados por Steinby, no entanto).